

## À MARGEM DA FRATERNIDADE.

Professor Rosala Garzuze

Ideal sonhado pelos grandes pensadores de todas as épocas é a Fraternidade objetivo altruístico e humano, encantador e necessário.

Pregado através do verbo tonitroante de um João Batista ou da palavra suavíssima de um Jesus de Nazaré, o ideal fraternista vem ampliando-se cada vez mais, no decorrer dos séculos, nitidizando-se cada vez mais, com o suceder de gerações e gerações bafejadas pelos princípios das doutrinas sadias e sábias.

Não constitui privilégio de uma seita ou raça, de um país ou continente, porque é apanágio dos vanguardeiros espirituais de todos os povos, dos iluminados de todo mundo.

A princípio era estreito, entre os homens, o conceito de fraternidade. Alargando-se, com o ampliar progressivo da mentalidade humana, transpôs os redutos familiares, tribais, clânicos, para depois abranger e abraçar num grande, num imenso amplexo construtor, os povos de todas as raças e as raças de todos os continentes.

Muito se fez em prol da Fraternidade. Muito resta a fazer.

Não é mais suficiente a pregação desse ideal tão acariciado pelos Guias e Mahatmas: urge concretizá-lo, urge pô-lo em prática.

Através de milênios o verbo fraternista reboou de quebrada em quebrada, de serra em serra, de país a país. Mas. . . as guerras, as chacinas, os ódios continuaram separando, destruindo e calcinando os homens.

Jorros de luz rasgavam, por vezes, as sombras das noites sangrentas, mas as trevas, apesar de tudo, continuavam imperando na superfície convulsa do orbe.

Lâmpadas apagavam-se e reacendiam-se, porque a Cultura não morre com as civilizações, nem os "souffleurs" do extermínio, de todos os tempos, encontrarão na utópica universalização das correntes malélicas a generalização do incêndio nos espíritos. Si nem todos os seres estão conscientes de sua função no planeta, alguns cérebros, e não poucos abrigam e irradiam de seus refolhos as luzes inefáveis e o potencial edificante da Fraternidade.

O império da Fraternidade não há de vir por um processo que derogue as leis da Natureza, mas virá como consequência certa das atividades mentais, morais e espirituais dos condutores da Humanidade, como um imperativo absoluto da própria evolução planetária.

É preciso, porem, que se trabalhe nesse rumo.

"Quem semeia, colhe". E o que se colhe é na justa e exata medida do que se semeou, inolvidada a natureza da semente.

Ontem foram as palavras, os pensamentos fraternistas. Hoje, mais do que palavras e intenções, é preciso o exemplo, concretização da ideia, é preciso o ato, materialização do verbo fraternista.

A hora é de ação imediata e serena, mas fraternista. Não basta a palavra construtora — o ato construtor é o que vale.

Ao período de doutrinação propriamente dito, platônico, deve-se seguir a execução dos Princípios, a manifestação, por meio de gestos, atitudes, posições e atos, do ideal fraternista, que congrega e harmoniza todas as consciências, individuais e coletivas, na grande consciência da Humanidade.

Fraternizar é respeitar o indivíduo, a família, a pátria, as nações, os povos, as raças, as doutrinas supernas, as ideias edificantes, a Humanidade.

Fraternizar é repudiar as chacinas, as guerras, as violações da consciência e da liberdade, o abuso da força, o massacre, o assassínio, o haschichismo espiritual, moral e mental.

Fraternizar é pôr em prática o postulado divino do "amai-vos uns aos outros" , fora de todos os convencionalismos das seitas, castas, doutrinas e dogmatismos.

Sem fraternidade a Paz, que puder reinar entre os homens e os povos, será uma paz fictícia.

A Paz duradoura, natural e humana, é um corolário da Fraternidade — familiar, nacional e internacional.

E a chave do problema ainda está na sentença, maravilhosa de síntese e de simplicidade, de Jesus de Nazaré: Amai-vos uns aos outros!".

Junho de 1939.

Em GARZUZE, ROSALA. Ideário Fraternista. INP. Curitiba. 1942. 109p. pg 107-109.

